

# Crédito ao Brasil preocupa Washington

**EDMUND L. ANDREWS**  
The New York Times

**W**ASHINGTON — Quase duas semanas após o governo Bush ter apoiado o empréstimo de US\$ 30 bilhões para socorrer o governo brasileiro do colapso financeiro, autoridades americanas e o Fundo Monetário Internacional estão preocupados se os grandes bancos internacionais continuarão a emprestar dinheiro para a indústria privada do Brasil.

O presidente do Banco Central do Brasil estará viajando para Nova York, na próxima semana, para uma reunião com alguns dos maiores credores do País, entre eles o Citigroup, JP Morgan Chase e FleetBoston.

Nos últimos seis meses, bancos americanos e europeus vêm reduzindo seus empréstimos aos exportadores e fabricantes brasileiros. A maioria tem se recusado a fazer comentários sobre sua disposição para voltar ao mercado, na esteira do grande acordo de empréstimo concedido pelo FMI.

Funcionários graduados da administração estimam que as empresas brasileiras têm cerca de US\$ 10 bilhões em empréstimos e linhas de crédito com vencimento antes do final do ano. Boa parte desse crédito está sendo usada para financiar as exportações, as quais, por sua vez,

são cruciais para reequilibrar a situação financeira geral do Brasil.

Na terça-feira, o Banco Central brasileiro disse que tentará resolver o problema pondo à disposição cerca de US\$ 2 bilhões em empréstimos aos exportadores brasileiros. Mas essa estratégia obrigará o governo a exaurir preciosas reservas cambiais, o que, por sua vez, enfraquecerá sua capacidade de defender o real, a combalida moeda nacional, de uma outra espiral descendente.

Michael Mussa, que foi economista-chefe do Fundo Monetário Internacional até o início deste ano, disse que a possibilidade de o Brasil ficar em uma situação difícil novamente é de 50%.

“Os números não dizem que a situação seja necessariamente irremediável”, disse Mussa, na terça-feira. “Mas, se os credores acharem que o risco é grande a ponto de eles preferirem se retirar, então se torna uma profecia autocumprida.”

Tudo isso representa um difícil problema ideológico e político para o governo Bush, cujos principais assessores até recentemente juraram evitar os grandes socorros financeiros internacionais que ficaram bastante co-

mens na gestão de Bill Clinton.

Diante da possibilidade de um colapso financeiro da maior economia da América Latina, o governo mudou de idéia no início deste mês e apoiou o enorme pacote de empréstimo para o Brasil.

Mas altos funcionários do governo dizem que continuam se opondo categoricamente a pressionar os bancos privados para que sigam o exemplo e ofereçam mais empréstimos generosos a credores privados.

Isso, dizem eles, deve ser uma decisão que os bancos tomarão por si mesmos.

Porém, funcionários graduados da administração estão aflitos. John Taylor, sub-

secretário do Tesouro para questões internacionais, tem mantido contatos quase diários com líderes brasileiros e está veladamente apoiando os esforços brasileiros para apresentar seu problema aos bancos internacionais.

O governo americano está monitorando de perto a confiança abalada dos mercados no Brasil. Os investidores estrangeiros reagiram ao pacote de empréstimo inicial fugindo do mercado brasileiro, o que impulsionou para baixo o valor do real.

O valor do real e dos títu-

los do governo brasileiro se recuperou significativamente nos últimos dias, mas a ansiedade externa é ainda generalizada; os títulos do governo brasileiro ainda estão sendo comercializados hoje a menos de 57 cents em relação ao dólar, o que significa que os investidores estão apostando que as chances de um calote ainda são de quase 50%.

Em uma tentativa adicional para recuperar a confiança, alguns altos funcionários do governo Bush cogitaram a possibilidade de que o Export-Import Bank pudesse fornecer crédito adicional aos compradores de produtos brasileiros.

Bo Ollison, porta-voz do Export-Import Bank, negou as informações veiculadas por alguns serviços noticiosos, de que o banco estaria considerando a possibilidade de um novo programa nos moldes de um programa criado para a Coréia do Sul durante a crise financeira da Ásia. Mas Ollison disse que o banco, que tem recursos federais, está mais do que disposto a aprovar novos empréstimos para as empresas brasileiras que queiram financiamento para importar produtos americanos.

“Estamos abertos a todos os setores do Brasil”, disse Ollison, na terça-feira. “Se houver um comprador merecedor de crédito e um exportador americano, nós o faremos.”

**Governo dos EUA apoiou o enorme pacote de empréstimo para o País**